

O CORPO NEGRO NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS DE UMA EDUCAÇÃO DO SENTIR¹

Maria Elizabete Sobral Paiva de Aquino,

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)

Karenine de Oliveira Porpino,

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

RESUMO

O trabalho apresenta a visibilidade do corpo negro na escola a partir de uma educação que desvele o sentir no campo das relações étnico raciais, considerando a estesiologia e a intercorporeidade como referências metodológicas para as experiências pedagógicas. A atitude fenomenológica do filósofo Merleau-Ponty e a fórmula de páthos de Aby Warburg alicerçam metodologicamente essa pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: corpo negro; experiências; intercorporeidade

ROTEIRO

O sentir no campo das relações étnico raciais a partir das referências fenomenológicas merleau-pontyanas da intercorporeidade e da estesiologia, se configuram pela possibilidade de considerar um corpo poroso, corpo que ultrapassa a cisão biológica e cultural, que é atravessado pelas sensações, pela motricidade, pela experiência vivida, pelos afetos. A pesquisa objetiva descrever e refletir a respeito das experiências pedagógicas no contexto educativo considerando as relações étnico raciais sob um olhar estesiológico, bem como refletir sobre os sentidos do corpo negro a partir de experiências compartilhadas com estudantes.

A investigação ancora-se na atitude fenomenológica de Merleau-Ponty como referencial teórico-metodológico, pauta-se na experiência vivida que situa o corpo, o outro e o sensível no processo do conhecimento. Resignificar o corpo negro na educação pela experiência estética do sentir com o outro, tendo como foco a fenomenologia, implica em reaprender a ver o corpo negro, pois é esse corpo que sente, percebe e compreende a presença do outro. Associado a Merleau-Ponty (1945/1964/1971), a fórmula de *páthos* proposta por

¹ O presente trabalho faz parte de um recorte da pesquisa de tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFRN).

Aby Warburg (2012), é tomada também como referência metodológica para a criação de pranchas com imagens que pretendem incitar a montagem dos tempos e dos sentidos, como a memória e a empatia. Para a construção textual recorre-se a metáfora de uma trilha para desvelar as experiências educativas com estudantes do ensino médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), campus Ceará-Mirim.

Tendo a redução fenomenológica como empreendimento da pesquisa, são desvelados os sentidos das visibilidades do corpo negro, da ancestralidade e da escuta do outro. Trata-se de pensar uma educação enovelada com a sensibilidade, que permita pensar e sentir o corpo negro no *mundo de toda gente*, que produza uma troca de saberes inscritos na experiência a partir da intercorporeidade e da estesiologia. Tais saberes se estabelecem na relação com o outro e reverbera em acolhimento, cumplicidade e respeito a serem cultivados no contexto das relações étnico raciais na escola.

SOLO

A pesquisa se organiza a partir de três folhas que orientam o caminho para as trilhas educativas: as experiências pedagógicas, o Atlas *Mnemosyne* de Aby Warburg e a atitude fenomenológica de Merleau-Ponty. O método de Warburg enfatiza a emoção expressada pelas imagens, busca o entrelaçamento de simbologias e iconografismo desvelando ressignificações de mitos ou memórias de um tempo anterior, Merleau-Ponty exprime a estesiologia como uma maneira de ser corpo e de nossa existência corporal, do corpo do mundo que é estofado do nosso próprio corpo intercorporal. Um corpo entrelaçado entre visão e movimento.

A abordagem fenomenológica na pesquisa enquanto atitude compreende: a descrição das experiências, a redução a partir dos sentidos desvelados e a interpretação do fenômeno. As descrições apresentadas percorrem o trajeto das minhas experiências de vida, inclui as minhas experiências docentes e as experiências de discentes, descortinando possibilidades de ampliar os sentidos e significados do fenômeno.

O *corpus* da pesquisa foi constituído pelas experiências pedagógicas vividas no contexto do IFRN, como as atividades com o Grupo Cachos. As discentes do IFRN são dez participantes ativas da pesquisa, adolescentes na faixa etária dentre 15 e 20 anos de idade, que passam pelo processo de autoafirmação como negras a partir do processo de transição capilar,

todas cursando o Ensino Médio no contexto do Campus de Ceará-Mirim, cidade do interior do estado do Rio Grande do Norte.

O Grupo Cachos encontrava-se sistematicamente uma vez por semana, o encontro tinha duração de duas horas, tendo início no mês de abril de 2016 e finalizando em outubro de 2017, constituindo como um campo de investigação da pesquisa, na perspectiva de atribuir sentidos através das experiências vividas por mim e pelas alunas, ao compartilharmos e exercitarmos a reflexão, a leitura e a vivência das relações étnico raciais. Narrativas eram elaboradas e verbalizadas, os sentidos do protagonismo feminino negro se faziam presentes em movimentos, palavras, ideias, gestos silêncios, indispensáveis para pensar o corpo como abertura de outros caminhos de resistência e transformação.

O registro das experiências se deu durante e após a realização das atividades em forma de relatos por escrito das estudantes. Outros registros foram realizados no formato de fotografias realizadas por mim e pelas estudantes através de celular. Além dos registros escritos e fotográficos, também foram considerados os registros dos filmes a partir da Ficha de Apreciação Fílmica utilizado pelo Laboratório VER (DEF/UFRN).

Há um permanente diálogo entre imagem e texto, principalmente a interpretação das imagens a partir da confecção das pranchas. Para compor as pranchas foi reunido um acervo de imagens com as experiências pedagógicas realizadas no IFRN, cenas de filmes (*Preciosa: uma história de esperança*, *Estrelas além do tempo*, *Race* e *Chocolat*) selecionados para dialogar com a pesquisa. Imagens que me põem a rever o corpo negro na escola e suas relações com a sociedade ocidental. A interpretação dos registros estabeleceu-se a partir do diálogo entre o pensamento de Merleau-Ponty e pensadores da Antropologia, da Educação, da Educação Física.

TRILHA DOS CACHOS

Cachos que se reinventam, se reestruturam, encontram uma força simbólica ancestral. Essa trilha é permeada por descobertas, meninas que se reorganizam pelas leituras, rodas de conversas, debates, organização de eventos, danças, oficinas, apreciação de filmes e documentários. As primeiras narrativas foram em torno de como se deu o processo de transição dos cabelos. Percebi que essas narrativas eram capazes de romper com o pensamento colonialista, fortemente marcado pelo padrão eurocêntrico. Ao compartilhar suas histórias de vida, expondo seus próprios pontos de vista, essas meninas subvertiam o

conservadorismo indo ao encontro do pensamento pós-colonialista, tal qual ressaltado por Boaventura Santos (2010).

Ao pensar no Grupo Cachos ser formado por adolescentes, podemos associar o movimento das meninas às etapas dos Ritos de Passagem proposto por Van Gennep (1909/2011), aproxima-se do Drama Social elaborado por Victor Turner (1974) e ao conceito de Período de Flutuação de Le Breton (2017). Elas rompem com um padrão instituído de beleza, vinculado à visão ocidental eurocêntrica, produzindo um coletivo com outro olhar para a beleza, transformando-a.

Estilhaçar a máscara do silêncio como a escritora Conceição Evaristo propõe significa ter voz, visibilidade, mudar atitude e comportamento. Para se contrapor ao racismo faz-se necessária a construção de estratégias, práticas e movimentos. Munanga (2015) alerta existir três fatores essenciais na construção de uma personalidade coletiva: o fator histórico, o fator linguístico e o fator psicológico. No entanto, no Brasil, a reunião desses três fatores é quase invisível. Uma invisibilidade marcada por uma cordialidade hierárquica como alerta Holanda (2015) e por um racismo peculiar, negado publicamente e praticado na intimidade segundo Schwarcz (2013).

A partir do logos estético merleau-pontyano, precisamos “reaprender a ver o mundo, interrogá-lo e conhecê-lo”. Perceber, sentir e ver a partir do próprio corpo, como carne do mundo implica um novo posicionamento ético, estético e político. As meninas assumiram um lugar de fala, romperam paradigmas, (re)conheceram a própria história, saíram da superfície, interrogaram-se, refletiram criticamente a política, a sociedade, a cultura, o mundo que as constitui. Nesse sentido, a organização coletiva pode produzir ruídos e rachaduras nas narrativas hegemônicas, podem romper com o silêncio que lhes foi imposto, com o objetivo de alcançar a visibilidade.

A trilha apresentou novos caminhos para se pensar a ancestralidade, o protagonismo feminino negro e a cultura negra. Desenvolve um olhar atento para a escuta do outro, no caso da pesquisa, para a escuta da negra, que muitas vezes, por estar nos limites e fronteiras das margens, não são ouvidas, vistas e/ou compreendidas. Assim, propõe-se um diálogo com a Lei 10.639/03 e rompe com a invisibilidade de estudantes negras que estão na escola. Essas ações trançadas com a empatia e alteridade, desvelam uma rota que pode ser ampliada por diversas trilhas que objetivem mudar o contexto das relações étnico raciais na escola de mãos

dadas com a educação. Uma educação solidária, e como defende Paulo Freire, que abrace o humanismo, que respeite a liberdade de expressão e as relações de convivência.

O FIM DE UMA TRILHA

Com essa trilha finalizando, faço uma reflexão sobre as experiências vivenciadas com o Grupo Cachos e percebo um potente movimento na mudança de atitude das meninas, como: o reconhecimento de suas próprias existências, a inclusão da ancestralidade e a perspectiva de novas visibilidades (beleza, estética). Transformei-me durante esse processo, afetada por outras histórias de vida, diferentes da minha, por outros modos de ver, ser visto e sentir com o outro. A autocrítica enquanto docente de Educação Física me fez refletir sobre experiências pedagógicas compartilhadas na escola, em projetos de ensino, de extensão e pesquisa, que possam ser pensados na educação, por um viés do sensível, que considere a arte, a filosofia, o outro, a coletividade. Desse modo, estabeleço uma educação sensível para as relações étnico-raciais que considere o corpo negro na escola com suas inquietações, anseios e frustrações para possibilitar uma escuta atenta, promovendo diferentes modos desses corpos se expressarem, sentirem o mundo e estabelecerem novas relações intercorporais. Corroboro com Merleau-Ponty (1949-1952/2006) ao afirmar que pela minha corporeidade, posso compreender a corporeidade alheia.

THE BLACK BODY AT SCHOOL: EXPERIENCES OF AN EDUCATION OF FEELING

ABSTRACT

The work presents the visibility of the black body at school from an education that reveals the feeling in the field of ethnic-racial relations considering esthesiology and intercorporeity as methodological references for pedagogical experiences. The phenomenological attitude of the philosopher Merleau-Ponty and the Pathos method of Aby Warburg underpin this research.

KEYWORDS: *black body; experiences; intercorporeity.*

EL CUERPO NEGRO EN LA ESCUELA: EXPERIENCIAS DE UNA EDUCACIÓN DEL SENTIMIENTO

RESUMEN

La obra presenta la visibilidad del cuerpo negro en la escuela desde una educación que revela el sentimiento en el campo de las relaciones étnicas raciales, considerar la estesiología y la intercorporeidad como referencias metodológicas para las experiencias de enseñanza. La actitud fenomenológica del filósofo Merleau-Ponty y la fórmula del pathos de Aby Warburg sustentan metodológicamente esta investigación.

PALABRAS CLAVES: *cuerpo negro; experiencias; intercorporeidad*

REFERÊNCIAS

LE BRETON, D. **Uma breve história da adolescência.** Tradução de Andrea Máris Campos Guerra, Bruna Simões de Albuquerque, Cristinane de Freitas Cunha Grillo, Maria do Carmo Pinheiro, Mariana da Costa Aranha e Nádia Laguárdia de Lima. Belo Horizonte, Editora PUC MINAS, 2017.

MERLEAU-PONTY, M. (1945). **Fenomenologia da Percepção.** Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. (1949-1952). **Psicologia e Pedagogia da Criança:** Curso da Sorbonne 1949-1952. Tradução Ivone C. Benedetti. – São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. (1964). **O Visível e o Invisível.** Tradução José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

MUNANGA, K. **Negritude:** usos e sentidos. -3. ed. – 2. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SANTOS, B. **A gramática do tempo:** para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

SCHWARCZ, L. **Nem preto, nem branco, muito pelo contrário:** cor e raça na sociabilidade brasileira. Claro enigma, 2013.

TURNER, V. **O Processo Ritual:** estrutura e antiestrutura. Tradução de Nancy Campos de Castro. Petropolis, Vozes, 1974.

VAN GENNEP, A. (1909). **Os Ritos de Passagem.** Petrópolis: Vozes, 2011.

WARBURG, Aby. **L'Atlas Mnémosyne avec um essai de Roland Recht.** Textes traduits de l'allemand par Sacha Zilberfarb. L'écarquillé – INHA, 2012.h



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

